

Ainda há relações coloniais

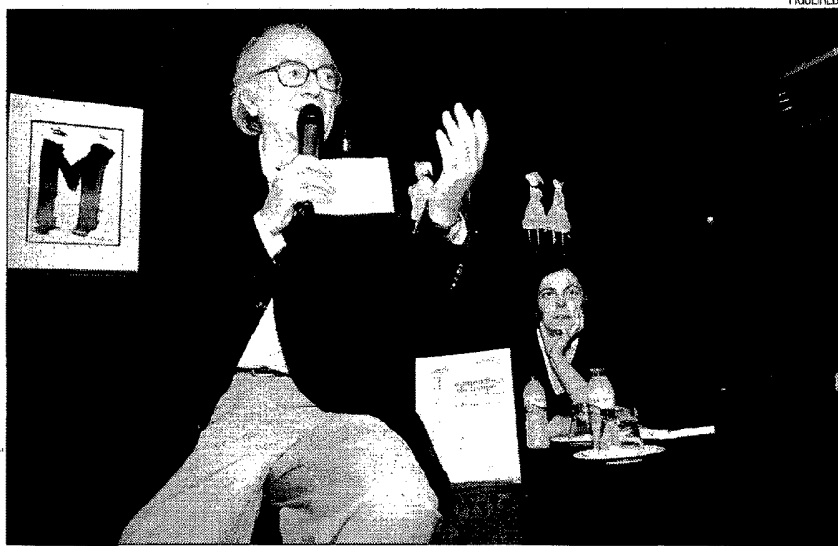
Em sociedade, o respeito da diferença tarda em concretizar-se, argumenta Boaventura de Sousa Santos

PATRÍCIA ISABEL SILVA

Vivemos em sociedades «politicamente democráticas, mas socialmente fascistas». Quem o diz é Boaventura de Sousa Santos, que defende ainda uma nova forma de pensar a política, porque reina «uma grande contradição» na maioria dos países.

Na apresentação do seu último livro, "A gramática do tempo: para uma nova cultura política", o sociólogo do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra salientou que «não é possível que todos falemos a mesma linguagem», o que não justifica que muitos dos princípios defendidos apenas sejam cumpridos «violando» os direitos humanos, a vida ou a democracia.

Se de um lado, os «governos tendem a violar as suas promessas eleitorais de uma ou outra forma», de outro, assiste-se à «quebra das políticas sociais», que eleva a «ideia do sub-humano» e discriminações. Tudo isto em sociedades em que as pessoas não querem apenas a igualdade, mas «também



Boaventura de Sousa Santos apresentou novo livro

o respeito da diferença e reconhecimento», que tarda a concretizar-se, sublinhou Boaventura de Sousa Santos.

Ao desenvolver a teoria social que demonstra uma «crise dos princípios da modernidade ocidental», o professor percebeu que «desigualdade no mundo» não resultou apenas do capitalismo, mas também do colonialismo. Aliás, Boaventura de Sousa Santos considera que ainda hoje subsistem «relações coloniais».

É por tudo isto que o investigador do CES continua a defender a criação da universidade

popular dos movimentos sociais, onde cientistas e líderes de movimentos sociais possam interagir. «É algo que está a ser

tentado» e, para tal, já foram desenvolvidos vários passos. Um dos próximos é uma visita a uma universidade em Buenos

Aires, na Argentina, que desenvolve o modelo defendido por Boaventura de Sousa Santos, também expresso na obra lançada ontem à noite, na Livraria Almedina – Estádio Cidade de Coimbra.

Na perspectiva do sociólogo, os movimentos sociais e as organizações não governamentais, tanto os seus líderes como os seus activistas, sentem a falta de teorias que lhes permitam reflectir sobre a sua prática e esclarecer os métodos e os objectivos que perfilham. Por sua vez, os cientistas sociais e intelectuais, isolados das novas práticas e dos novos agentes, não têm condições para contribuir para essa reflexão e para esse esclarecimento.

Em suma, o objectivo da universidade popular é superar a distinção entre teoria e prática. ●